

UMA VIAGEM INESQUECÍVEL

“Viver é melhor que sonhar” - Fernando Ret
(Música “Como nossos pais” – voz de Elis Regina)

D. Miúda, minha sogra, viúva há mais de 10 anos, tinha um sonho. Rever um namorado da adolescência, João Pedro, antes de conhecer seu finado marido. Após um desentendimento, choro reprimido, meias palavras, poucos argumentos, ele se afastou e foi morar em Extrema, terra de seus pais.

Ela então conheceu Arnaldo que se encantou com D. Miúda e passaram a namorar, culminando com o casamento pouco tempo depois. Agora viúva, ela teve a ideia de rever o seu antigo amor, que ainda povoava os seus sonhos.

Procurou-me para confiar seu segredo de mais de meio século. Obstinação, queria encontrá-lo. Queria viver novamente um grande amor e ser feliz para sempre.

Com o nome do rapaz e da cidade, dediquei-me a procurá-lo em jornais locais, com pessoas conhecidas e até pelas redes sociais. Localizado o personagem desta história, ficou mais próxima a possibilidade de revê-lo.

Tratava-se de um senhor, também viúvo, com dois filhos adolescentes, vivendo numa propriedade rural. Pacato, ele frequentava a igreja local e sempre estava presente nos festejos do lugar, acompanhado de parentes e amigos.

A primeira ideia foi escrever uma carta para ele. Não, isto foi descartado pela amiga, que gostava de se arriscar para viver emoções mais fortes. Ela então optou por fazer uma viagem para a cidade, para ver, pessoalmente, as reações dele ao encontrá-la.

Iniciados os preparativos, escolhemos uma data bem interessante – a Semana da Festa de Santa Rita, padroeira da cidade.

Emoção crescente e ansiedade querendo tomar as rédeas da situação. Mas tudo bem controlado pela amiga. Fomos no meu carro até Extrema, bem na divisa de Minas e São Paulo.

Extrema também era a expectativa do encontro. Seguimos pela estrada apreciando as paisagens, conhecendo pessoas e saboreando comidas no caminho, em breves paradas.

D. Miúda rejuvenesceu vinte anos, ficou leve e ágil, faces coradas, como se fosse uma adolescente. E eu, apreciando aquele arroubo, pensava comigo mesma, será que vai ser bom, vai dar certo, será? Coisa de gente ponderada. Mas logo ela me aparecia radiante, esperançosa. Eu era apenas a testemunha de uma aventura sem precedentes, não me cabia julgamentos.

Seis horas depois chegamos à cidade e nos hospedamos em uma pousada simples, comida caseira, silenciosa. D. Miúda passou a conversar com os moradores. Povo hospitaleiro, simpático, com destaque para a sua religiosidade.

De posse da programação da festa, horários das missas e das apresentações de suas bandas, ela se aprontava e não queria perder nenhum evento.

Guardamos segredo das nossas reais intenções, pois a divulgação poderia atrapalhar o encontro.

Já no terceiro dia da nossa permanência na cidade haveria barraquinhas com quitandas caseiras, muitas brincadeiras e uma banda com danças típicas da região.

D. Miúda se enfeitou com uma rosa nos cabelos grisalhos e foi andar no meio daquela gente com as amigas que acabara de conquistar.

De repente, ela voltou para me dar notícias. Localizado o amado no meio da multidão ela me disse que iria conversar com ele. Corajosa...

Vejo-a, de longe, se encaminhando ao encontro do seu destino. Os dois se falam e, mesmo de longe, na escuridão da noite, vejo um brilho no olhar do amado e é um brilho de surpresa, coroando o encontro, tão desejado e esperado. Ela pára e hesita em dar mais alguns passos. Ele se levanta e se aproxima dela. Braços abertos, sorriso escancarado.

Para mim, a felicidade mora aqui em Extrema. Movimentos lentos, emoção à flor da pele, eu vibro por dentro, me considerando a pessoa mais feliz do mundo por presenciar este momento único. E vejo borboletas voando no céu estrelado.